



Sátira ao meio

Ariovaldo Vidal¹

Resenha de:

REBELO, Marques. **O simples coronel Madureira**. 4. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2013.

A editora José Olympio, hoje um selo do grupo Record, vem republicando toda a obra de Marques Rebelo (1907-1973), num projeto gráfico simples e de bom gosto como certamente seria do agrado do escritor, com as capas trazendo como layout o nome do autor e da obra ao alto, e uma foto em p&b ao fundo contextualizando o volume. O senão ficaria por conta da ocorrência de alguns detalhes de estabelecimento de texto que poderiam ser resolvidos, o que não desmerece o trabalho de resgate de um escritor que aos poucos vai voltando e chamando a atenção de críticos e leitores.

Nesse trabalho de republicação, um dos mais recentes títulos é a novela *O simples coronel Madureira*, que conheceu três edições anteriores: a primeira, pela coleção BUP (Biblioteca Universal Popular) da Civilização Brasileira (1967), editora de Ênio Silveira; a segunda, pela editora Salamandra (1980), com uma capa que aterrorizaria o escritor, mas com um texto bem estabelecido; e a terceira, pela editora Nova Fronteira (2003).

Marques Rebelo não se furtava a tratar do momento político pelo qual passava o país, com o golpe militar de 64 se expandindo e fazendo sentir o seu peso; tanto assim que, no mesmo ano de publicação da história do velho coronel Madureira, aparecia também sua colaboração no livro *64 d.c.* (editora Tempo Brasileiro), junto de Antonio Callado, Carlos Heitor Cony, Hermano Alves e Sérgio Porto. O conto de sua autoria presente no volume (“Acudiram três cavaleiros”) remete ao mesmo universo da novela, mas conseguindo, ao que parece, uma solução melhor resolvida na construção da trama.

Em *O simples coronel Madureira*, Rebelo opta pela vertente do tratamento satírico para falar do momento político. A história se passa nos primeiros dias do regime instaurado em 64, com a intervenção dos militares em diferentes órgãos da administração pública. O general Pantaleão é designado para “sanear” uma repartição conhecida por Segal, responsável por todo o abastecimento de “lubrificantes” do país. Madureira é

¹ Professor de Teoria Literária e Literatura Comparada da USP.

chamado pelo general Pantaleão para assumir um posto de confiança nessa repartição-chave da intervenção militar. Da equipe do general, constam dois majores, um deles o autoritário e truculento major Oldemar, obcecado em “esmagar a hidra comunista” (p. 18); três capitães, um deles genro do general; cinco tenentes, dois deles filhos de generais; cinco sargentos; além do protagonista, o pacato coronel Madureira, sempre preterido nas promoções e sendo jogado para o interior mais distante do país, mas agora querendo unicamente desfrutar de sua reserva bucólica no jardim de uma casa de subúrbio carioca, ainda que sempre pronto a atender os favores pedidos por seus vizinhos, como proteger o “cabeludo” filho de dona Dalila, “desmiolado rapazola” sempre se metendo em “embaraço” (p. 53-54).

Sem compreender as implicações da situação política, e desejando simplesmente viver no quintal de casa sua aposentadoria, com as sopas, caldos e cozidos que a diligente dona Deolinda, companheira de toda a vida, lhe preparava, o velho coronel é jogado numa confusão de papéis, rixas militares, falcatruas e intrigas de escritório. À medida que vai se enredando na nova situação, vai conhecendo e se apaixonando pela secretária falastrona (dona Almerinda), uma perua que enrola o velho do jeito que quer e que, diz o narrador numa admirável convergência de planos, teve sua “fase áurea” na Comissão do Imposto Sindical, quando viajou a Genebra para uma convenção sobre acidentes de trabalho, na condição de “datilógrafa” do doutor Aderbaldo. Dessa forma, vão caminhando juntas as duas linhas dramáticas da novela: no primeiro plano, a nova vida do coronel, cada vez mais seduzido pela liberdade da vida civil, representada ali pela estonteante Almerinda, que aos poucos vai dando ao velho e pacato militar a dimensão sensaborona de sua vida feita de pobreza e rigores de quartel; no plano de fundo, as disputas entre os militares, os problemas com a economia do país, os protestos que não tardam a se intensificar.

Madureira vai mais e mais se encantando com a vida de prazeres e liberdade que a companhia de Almerinda desperta; é notável nesse sentido a descoberta que faz da vida intensa em suas “expedições” ao centro da cidade, quando pensa em retribuir o presente recebido da secretária, com o fascínio por um comércio sofisticado que ele, em sua vida pobre, doméstica e metódica, jamais pensara existir – sem deixar de perceber também uma cidade apinhada de miseráveis. E quanto mais se sente à vontade no convívio com os colegas de vida civil, simbolicamente trocando a farda pelo terno, mais se mostra a realidade sob o autoritarismo do poder militar sendo imposto com truculência.

O desfecho da novela ocorre com a publicação de um edital feito pelo grupo do major Oldemar, exigindo que os funcionários delatem seus colegas que tenham praticado

“atividades de natureza subversiva” (p. 124), indicando inclusive o endereço de residência. O choque maior para Madureira vem ao saber que o general Pantaleão, homem equilibrado e que conseguiu até ali neutralizar as ações do major, havia dado inteiro apoio à publicação do edital de caça às bruxas. Desiludido com a situação e atitude de seu mentor, e já inteiramente à vontade a essa altura com a cordialidade da vida civil da repartição, vai para casa com o coração oprimido sabendo “o que estava errado e sem remédio naquela máquina vitoriosa de que ele era uma rodinha enferrujada” (p. 126).

A novela tem a mesma composição de sátira leve de costumes (ou crônica propriamente), com a presença do favor em suas diferentes feições, e análise exterior das personagens, o que será uma das marcas constantes da ficção de Rebelo, um de seus melhores veios, sobretudo porque no meio dessa representação propícia ao humor, sempre haverá espaço para a revelação surpreendente de suas criaturas tal como ocorre, por exemplo, com tantas personagens de *Marafa* (1935).

É a mesma argúcia e incisão que, em dois ou três traços, dá conta da personagem que entra em cena, a mesma naturalidade dos diálogos. Exemplo do coloquialismo bem-humorado da obra está na conversa entre Madureira e o jornalista que o engambela: quando pede um “retratinho” do coronel para publicar no jornal e fazer-lhe um breve perfil, justifica-se dizendo: “– O coronel tem se portado magnificamente aqui. Competente e justo! Atento e cortês! Já conquistou amigos. Já passeia de pijama em nosso coração” (p. 78). Ou mesmo o diálogo entre os colegas falando de Almerinda, que “deixara fama no Imposto Sindical” (p. 62). Ou ainda o diálogo dos militares à caça de comunistas na repartição, cuja formulação é de um coloquialismo que beira o non sense (p. 16).

Mas se a caracterização das personagens, com o registro de traços precisos na fixação dos tipos sociais por um narrador discretamente intruso, dá a vivacidade que a obra demonstra a cada nova cena da vida de fofocas e mexericos da repartição pública – o que trai a presença de Manuel Antônio de Almeida, por quem Rebelo nutria admiração e de quem foi biógrafo –, o fato é que a narrativa mostra também certa fraqueza de efabulação, de construção do enredo, deixando pela metade aquelas situações criadas. O narrador arma um quadro interessante no escritório do Segal, a tal repartição para onde vai o coronel, com todos os indícios do esquema de corrupção, as disputas entre os militares, as sugestões da figura de Almerinda e os conflitos do protagonista, mas tudo fica por assim dizer sem os desdobramentos que poderia ter, atenuando os conflitos que haviam sido armados.

O problema está posto mais claramente no divórcio entre o drama que vai se configurando no velho coronel, que se dá conta da vida que não viveu, e os caminhos que

logo cedo a causa em que acreditava em nome da “ordem pública” está tomando, com as denúncias de fechamento de universidades e diretórios estudantis, prisões arbitrárias e torturas aparecendo nos jornais. É no momento em que seu grande mentor e amigo, o general Pantaleão, endossa o edital de perseguições, exigindo delações dos funcionários – o que prenuncia também o nefasto AI-5, que viria no ano seguinte à publicação da novela –, que o pacato Madureira se desilude de vez, sentindo-se traído pela própria causa, o que o aproxima de Policarpo Quaresma e, como este, percebendo tardiamente uma vida de liberdades e prazeres que não conhecera.

Poderia se falar em inverossimilhança no caso da figura do protagonista, mas é justamente essa a forma de *estranhamento* escolhida pelo autor para criar o foco que irradia por contraste o mundo a sua volta, recurso dos mais recorrentes na literatura. Entretanto, pelo divórcio mencionado, ou pela falta de desdobramento maior do drama do protagonista, cria-se a sensação de inacabamento na obra – a sátira ao meio parece ficar também pelo meio –, problema já mencionado pela crítica do autor (e cite-se mais uma vez Mário de Andrade); neste caso, mais do que inacabamento, talvez seja melhor falar em um final precipitado, deixando a sensação de pontas soltas na história (como o caso da “armação” do major Oldemar ao general), e com a tentativa abrupta de ligar os dois planos, o que retira muito da força que a novela apresentava e lhe dá certo ar de obra de circunstância, ainda que não se apague nem a admirável caracterização rebaixada da vida das personagens, nem a denúncia corajosa do autor nos primeiros anos de um processo que viria a ser tão nefasto à vida brasileira.